FOLHA informativa

37.º Festival de Almada
03-26 de Julho 2020
Organização: Câmara Municipal de Almada | Companhia de Teatro de Almada

N.º 16 - Sábado 25 de Julho de 2020

Serviço público, ao público

Durante o período de confinamento, com as salas de espectáculos fechadas, chegou-se a ponderar acerca da existência do teatro tal qual ele existira até então. Mas nem sempre foi tida em conta essa componente essencial desta arte viva que é o seu público.

Ao longo das últimas semanas, várias pessoas nos perguntaram como foi possível pôr de pé o Festival este ano. De facto, a maioria dos festivais de teatro de Verão europeus não se realizou. A verdade é que a presente edição do Festival de Almada acontece porque se trata de um festival realizado por uma Companhia, ou seja, por um grupo de pessoas que assumem todas as tarefas relacionadas com a vida no teatro. Levámos a cabo o 37.º Festival de Almada pelo público. Pelo amor que partilhamos, Companhia e espectadores, pelo teatro.

Mas temos consciência de que a presente edição foi um tubo de ensaio para o que virá. Em Setembro, quando as salas reabrirem, vamos deparar-nos com a mesma realidade que experimentámos agora: com as lotações reduzidas para metade, as receitas diminuirão proporcionalmente.

Caberá então aos dirigentes políticos, que aclamaram unanimemente esta edição do Festival, terem em conta as novas realidades com que o Teatro de Arte se irá deparar enquanto a pandemia persistir. Os criadores e o público, como se viu nestas três semanas, cá estarão para cumprir a sua parte.

Rodrigo Francisco
Director artístico
do Festival de Almada

ANDRÉ MURRAÇAS, ENCENADOR DE ***O CRIADO***

Luta de classes e relações de poder

Uma ideia usada na sinopse deste espectáculo permanece por explicitar: a de os espectadores de *O criado* serem *voyeurs*. "Este espectáculo é baseado numa novela que trata de relações de poder. Há um criado que chega a casa de um lorde e que faz com que aos poucos eles comecem a trocar de papéis: um torna-se o outro. Esse jogo de classes captou o meu interesse quando me propus criar com essa mesma história um objecto para teatro." O encenador juntou então uma série de actores e replicou com eles as relações de poder que subjazem aos próprios processos teatrais, no que constitui neste caso um "jogo perverso, porque acabei eu por ficar nas mãos do espectador".

© Luana Santos

André Murraças

Projecto com múltiplas camadas, *O criado* acaba por fazer coro com um tema que tem estado muito presente nesta edição do Festival: o das relações entre os fracos e os fortes, o da *luta de classes*, pois assim se designa o conceito originalmente fixado por Marx e Engels em 1848. *A criada Zerlina* (em cena até amanhã no Fórum Romeu Correia) é outro exemplo de um teatro que dá voz aos fracos, demonstrando porém a que ponto a subjugação só acontece porque alguém aceita a dominação – um poder sobre o outro que, todavia, por vezes não é o que parece.

"A verdade é que as sociedades de hoje continuam a ter esse tipo de relações de poder, e mesmo agora, que estamos a viver uma situação totalmente nova, mais uma vez a questão das classes continua presente. Por outro lado, há os pequenos poderes que exercemos uns sobre os outros, muitas vezes inconscientemente."

"Gostava de daqui a dez anos olhar para trás e ver que a pandemia foi uma oportunidade não desperdiçada para repensar muitas coisas. O dinheiro é o problema maior. O poder que o dinheiro dá. Não persigo este tema, mas surgiu, e quis trabalhá-lo. Até porque tinha em pano de fundo a história de Dirk Bogarde, que foi alguém que disse não à normatividade, e que não se subjugou aos poderes da indústria do cinema."

Criação que se situa na fronteira entre o cinema e o teatro, *O criado* "mostra o quanto o cinema pode ser teatral. A artificialidade do cinema acaba por ser teatralizada." Trata-se da estreia de André Murraças no Festival de Almada. A solo em palco, Murraças foi beber ao cinema a sua teatralidade, para criar um espectáculo que assenta, como muitas outras vezes no seu percurso, num formato solitário. "Gosto de fazer *one-man show*".

O criado está em cena até amanhã, no Salão de Festas da Incrível Almadense, com três récitas por dia. **S.A.**

Espectáculo de Honra: todos a votos. Traga a sua caneta!

Este ano, excepcionalmente, todos os espectáculos incluídos na programação do Festival irão a votos para a eleição do Espectáculo de Honra do ano que vem. A votação decorrerá no último dia do Festival de Almada, à entrada para os espectáculos da tarde e da noite. A peça vencedora será anunciada após o espectáculo *Turismo*, na Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite.

COLÓQUIOS NA ESPLANADA DO *FOYER*

Um compromisso de verdade

No último colóquio desta edição do Festival, recebemos o encenador de *Turismo*, Tiago Correia, um dos nomes promissores da nova dramaturgia portuguesa. Foi possível falar sobre o carácter documental da peça, que surgiu das preocupações pessoais do encenador, mas também sobre a forma como a sua Companhia, *A Turma*, conciliou os seus objectivos artísticos com o tema em questão, num processo que não se sobrepôs à essência do espectáculo.

© Luana Santos

Tiago Correia

No fundo, *Turismo* não é uma reflexão sobre o turismo mas sobre a complexidade dos processos de gentrificação de uma cidade, e a forma como afectam as pessoas envolvidas. "Há um apelo de resposta que não dás, mas que colocas. Uma das perguntas mais importantes é: o quê e quem é que serve a cidade?", observou Catarina Firmo, que moderou o colóquio. Tiago Correia assumiu um compromisso de verdade para com as pessoas retratadas: "são vidas completas – não há bons nem maus, somos humanos".

Discutiu-se ainda o trabalho de investigação, as múltiplas perspectivas que a escolhas cénicas oferecem e a transformação da memória da cidade.

"14 conversas inesquecíveis que constituíram, para nós, um conjunto de reflexões muito importantes e que terão consequências na forma como iremos organizar as próximas edições" – foi assim que Rodrigo Francisco, o director artístico do Festival de Almada, se despediu dos Colóquios na Esplanada da 37.ª edição.

Sofia Pancada

AGENDA DE AMANHÃ

TEATRO

15:00
A criada Zerlina
Fórum Romeu Correia

15:00, 18:00 e 21:30
O criado
Incrível Almadense

16:00
Rebota rebota y en tu cara explota
Academia Almadense

19:00
Mártir
Sala Experimental TMJB

21:00
Turismo
Sala Principal TMJB

RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE
- Carapaus fritos com salada russa
- Frango à moda marroquina

AMANHÃ
- Filetes com molho de picles
- Vitela com passas

MEMÓRIA

O público de Joaquim Benite em 2020

Um dos factos mais notáveis (que se nota, portanto, podendo ademais ser quantificado) associado à intensa actividade teatral a que Joaquim Benite se dedicou durante mais de quarenta anos, é o público que o encenador mobilizou para o "fazer teatral". Não há quem, vindo pela primeira vez a Almada, não fique surpreendido com o público que, invariavelmente, enche de gente e de entusiasmo as salas do TMJB, bem como todas as outras onde decorrem os espectáculos da Companhia de Teatro de Almada – ou de companhias (portuguesas e estrangeiras) acolhidas nos seus espaços ou no contexto de eventos por si programados, e de que são exemplo especialmente eloquente os espectáculos que integram a programação do Festival de Almada.

© Direitos reservados

Joaquim Benite

A todos esses espectáculos o público comparece em generosa quantidade, em Almada como em Lisboa, anulando sem demoras nem filosofia a distância simbólica entre cidades que o rio separou. Este ano, apesar da situação pandémica, também foi assim: as salas, grandes e pequenas, encheram na maior parte dos casos a meia-capacidade autorizada pela Direcção-Geral de Saúde. Desmultiplicaram-se as récitas e o público lá esteve, sempre. Com máscara, viseira, jamais furtando-se a usar os dispensadores de álcool gel e sempre cumprindo as regras de distanciação física – demonstrando um civismo digno de nota, que não deu tréguas à estrita observação dos novos deveres de cidadania que a pandemia exige.

Mas o público que Joaquim Benite construiu (Manuel Sesma, na sua coluna de ontem publicada na *Folha Informativa*, referia-se-lhe, e bem, como uma *persona* – i.e., um público que é em si mesmo uma personagem, tal como o coro é *persona* na tragédia clássica) é também reconhecido por ser generoso em sala: tanto na presença constante que oferece aos artistas durante os espectáculos, como nos aplausos de pé com que sempre enche de alegria os corações dos actores no final das récitas. Somos, assim, levados a uma inescapável constatação: permanece notável (em todos os sentidos) o contributo que Joaquim Benite deu para a difusão e brilho do teatro de arte, através dessa herança de público que deixou para a posteridade.

Sarah Adamopoulos

FICHA TÉCNICA
Direcção Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição), Rodrigo Francisco e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura) | **Tradução** Sarah Adamopoulos e Rodrigo Francisco | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo | **Apoio à produção editorial** Ana Patrícia Santos2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA · dgARTES DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES · CMA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA · Entidade Regional de Turismo da Região de Lisboa · Share Foundation · CCB · TEATRO - ESTÚDIO ANTÓNIO ASSUNÇÃO · SCIA · Istituto Italiano di Cultura · Embajada de España en Portugal · Cooperación Española · UNIÃO DAS FREGUESIAS ALMADA · COVA DA PIEDADE · PRAGAL · CACILHAS · LARANJEIRO-FEIJÓ JUNTA DE FREGUESIA · Turismo de Lisboa · LISBOA · RDP ÁFRICA · ANTENA 1 · ANTENA 2 · RENAULT · Caetano Formula